

ETOLOGIA E BEM ESTAR ANIMAL COMO ALIADOS NA REABILITAÇÃO DE EQUINOS E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DE MEDICINA VETERINÁRIA

GOMES, Bianca Nunes¹; FRITSCH, Samuel Catuci¹; SCALCO, Rebeca¹; ROLL, Victor Fernando Büttow¹; NOGUEIRA, Carlos Eduardo Wayne².

¹Acadêmico em Medicina Veterinária/FV/UFPel; ²Faculdade de Veterinária – UFPel; Depto de Zootecnia, FAEM. bianunesgomes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A etologia pode ser definida como o estudo do comportamento animal. Cada espécie é dotada de seu próprio repertório peculiar de padrões de comportamento, da mesma forma que é dotada de suas próprias particularidades anatômicas (DARWIN, 1850 apud SALLES, 2008). Sendo assim, o conhecimento da etologia e das práticas de bem estar animal podem se tornar importantes ferramentas operacionais tanto para estudantes como para profissionais de Medicina Veterinária. Os cavalos na natureza são animais altamente sociais, gostam de interagir entre si, viver em liberdade em extensas áreas e explorar o ambiente em que vivem. O seu comportamento está relacionado a diversos fatores, dentre os quais destacamos o sistema de criação, a quantidade e qualidade nutricional dos alimentos, e o contato físico ou apenas visual com outros equinos, além da característica comportamental do próprio indivíduo (LEWIS, 2000).

Devido às variações em seu ambiente, os equinos terminam modificando seu comportamento, sinalizando seu mal estar e desenvolvendo as estereotipias, também denominadas “vícios de cocheira”, as quais são similares ao transtorno obsessivo compulsivo (TOC) em humanos. Essas alterações de comportamento são tentativas de adaptação destes animais ao meio e as condições aos quais estão sendo submetidos, tentando, muitas vezes reproduzir dentro do cativeiro o que fariam na natureza. De maneira involuntária, são claras manifestações que comprovam seu desconforto e estresse. Animais amedrontados, agressivos, de difícil manipulação, que sorvem ar (aerofagia) ou realizam “movimentos de urso” (oscilações com a cabeça) são alguns exemplos clássicos de estereotipias. Muitas estereotipias e traumas podem ser evitados ou minimizados quando práticas adequadas de manejo são adotadas, baseadas no conhecimento do comportamento da espécie em questão, facilitando a rotina diária e procedimentos hospitalares.

Este trabalho tem por objetivo descrever o comportamento de equinos alojados no Hospital de Clínica Veterinária UFPel (HCV) submetidos a avaliações e práticas baseadas no estudo da etologia equina.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O trabalho foi realizado com três equinos de diferentes categorias, que estavam no Hospital de Clínicas Veterinária (HCV). Os animais foram trabalhados em sessões de 90 minutos, três vezes por semana, com terapias distintas para cada caso.

O primeiro animal era uma égua SRD (sem raça definida), apreendida pela ECOSUL, sem histórico anterior. Utilizada para aulas práticas, apesar de sadia

fisicamente, apresentava distúrbios de comportamento como morder e reagir bruscamente a outros animais com os quais entrasse em contato, tornando difícil a aproximação e manejo. A falta de histórico do animal dificultou o diagnóstico, em virtude do desconhecimento que causaram seus traumas.

O animal foi trabalhado pelo grupo de etologia do HCV durante três semanas. A égua era conduzida à uma área de 8m x 4m onde era deixada livre para pastar, enquanto um estudante acompanhado de um balde com ração ficava em alguma parte do espaço, para estabelecer contato com ela através do interesse do animal pela comida. Quando ela aproximava-se do balde para comer tocava conseqüentemente nas mãos do aluno. Esse ciclo se repetiu até que o equino percebesse que não sofreria nenhuma agressão ao estar em contato com o estudante e que a presença deste poderia ser associada a uma atividade prazerosa, como alimentar-se da ração. Concluída esta etapa da aproximação, o aluno estabeleceu comunicação integral com a égua, com verbalização, carícias pelo corpo do animal (reforço positivo) e exercícios de repetição de ordens específicas, com alívio da pressão. Após a sessão, a égua era liberada para o campo.

O segundo equino era um macho da raça PSI (Puro Sangue inglês), com 8 anos de idade. Este chegou ao HCV apresentando trauma na região de bulbo e talão causada por corda e com claudicação ao trote. Por ser um animal dedicado ao esporte, passou muitos anos estabulado, provavelmente desde muito jovem. Neste caso foi observado um quadro de neurose, caracterizado por uma série de desvios comportamentais, dentre os quais, movimentos de mastigação e sucção da língua, aerofagia e masturbação. Ele os manifestava quando estabulado e, no tronco de contenção para manipulação do ferimento.

Este animal foi acompanhado durante uma semana pelo grupo de etologia. A rotina constava de passeios ao ar livre com pastejo, estimulando sua alimentação em diferentes locais, com amplo espaço de visão e contato visual com outros animais da mesma espécie. Após o passeio, ele voltava a cocheira, onde permanecia até a próxima troca de curativos.

O terceiro equino submetido ao trabalho do grupo de etologia foi uma potra SRD, com 7 meses de idade, nascida no HCV. O objetivo com este animal foi realizar da maneira menos traumática possível, o contato e o aprendizado de práticas que serão utilizadas durante toda vida, como aproximação aos humanos, uso de buçal e obediência às cordas, uma vez que esta seria leiloada.

O trabalho foi realizado no período de um mês. O local utilizado foi uma mangueira para restrição de espaço, o que facilitou a interação. A presença da mãe foi integral ao longo de todas as atividades. No primeiro contato, o estudante se manteve próximo a égua, despertando a curiosidade da potra com o intuito de desenvolver um elo de confiança entre ele e a potra, para posterior contato físico. Depois de três sessões, estipulada esta aproximação, passou-se a apresentação de buçal e cordas, os quais foram gradativamente colocados no animal. No passo seguinte, foram iniciados os primeiros comandos de obediência, como avançar e parar, fazer voltas e círculos quando tais atividades eram solicitadas, além de oferecer membros anteriores e posteriores, com o objetivo de facilitar manejo de casqueamento futuro. Cada etapa concluída era recompensada com estímulo de reforço positivo (carícias). Depois de cada sessão os animais eram conduzidos até o potreiro de origem e soltos com os outros membros do grupo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro caso foram aplicados mecanismos etológicos e de doma natural, que implicam em respeitar o tempo de entendimento do animal com o humano. A intenção foi, justamente, corrigir estas falhas de comunicação, uma vez que, o humano utiliza linguagem verbal e o animal está acostumado com linguagem corporal (REES, 2010). Todos estes problemas têm duas causas básicas: comunicação deficiente entre ser humano e cavalo e manutenção dos animais em ambiente inadequado. Uma teoria defende que existem três principais causas para o equino não fazer aquilo que dele se espera: não conseguir, não entender, não querer, este último, de ordem emocional. É o caso dos cavalos neuróticos, hostis ou com medo. Eles teriam condições físicas, entendem o que se pede, mas não querem fazê-lo. As correções não passam por soluções físicas (ração, medicamentos) nem técnicas (doma e treinamento), e sim pelas emocionais (motivação) (LESCHONSKI, 2008). A égua reagiu positivamente durante o período trabalhado, uma relação mais íntima de confiança foi sendo estabelecida a medida que o trabalho avançou, pois esta passou a permitir uma abordagem e manipulação mais pacíficas.

No segundo caso, do cavalo PSI, oito horas seguidas de sono são, para eles, uma impossibilidade fisiológica. Ambiente fechado é claustrofóbico, pois sua sobrevivência está diretamente relacionada sua velocidade de fuga e à rapidez de seus reflexos. Para um cavalo, o isolamento de outros animais, em especial os da própria espécie, representa risco de vida, pois durante 60 milhões de anos o equídeo solitário foi uma presa preferencial dos predadores (MILLS, D., NANKERRVIS, K., 2005). Segundo estudo recente, mais de 40% dos animais criados em sistema intensivo apresentando distúrbios comportamentais. Espaços abertos, a busca por alimento, outros equinos por perto, é o que se deve oferecer aos cavalos para proporcionar-lhes saúde e bem-estar físico e psicológico. Tais informações são confirmadas pelos resultados obtidos com este animal, pois sempre que era retirado da cocheira e levado a um potreiro aberto imediatamente deixava de apresentar as alterações comportamentais. Aos proprietários foi aconselhado mantê-lo o maior tempo possível em campo aberto, visando à melhora da qualidade de vida e minimização dos distúrbios comportamentais do cavalo.

Nos primeiros anos de vida os potros são criados em liberdade, e em geral sem contato muito estreito com o ser humano e com as situações que irá lidar na sua vida adulta. O trabalho com a potra foi realizado junto com a mãe desta, para que tivesse sempre uma referência e sua confiança não fosse abalada. O desenvolvimento sensorial neste trabalho fica evidente, uma vez que ela aprende estratégias comportamentais. Tudo isso por meio das reações da mãe (exemplo: fuga), e fundamentalmente vivências lúdicas, como correr e reforços positivos (carinho). A socialização primária é essencial para o desenvolvimento comportamental do equino, pois é nele que se estabelecem laços sociais com membros de sua própria espécie e de outras. Nesta fase, o potro deve interagir não só com o grupo e com a mãe, mas também com outros animais, com humanos e com situações que para um cavalo não condicionado parecem perigosas (confinamento, cordas, barulho, etc.) (MCGREEVY, 2004). A potra reagiu de maneira tranquila e confiante, apresentando-se mais pacífica e receptiva às abordagens a medida que o trabalho era realizado. Também houve notável evolução na obediência ao buçal e cordas, de maneira que no final do trabalho esta já podia ser conduzida pelo cabresto sem relutância. Um adequado manejo de iniciação deste animal pode

diminuir traumas e evitar estereotípias que facilmente podem estabelecer-se frente à abordagens agressivas e procedimentos inadequados de desmama na infância do equino.

4 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos através do trabalho realizado com estes animais de diferentes categorias demonstram claramente que atitudes simples baseadas no conhecimento etológico da espécie equina podem facilitar o manejo destes animais dentro do ambiente hospitalar, e especialmente, melhorar sua qualidade de vida, beneficiando sua recuperação clínica. O estudante no momento em que se conscientiza disso e modifica sua postura ao trabalhar com o equino passando a respeitar os limites deste, consegue estabelecer uma relação mais segura para ele e para o animal, onde agressões e ameaças para ambos são minimizadas.

Ao profissional que atua na área de clínica e manejo de equinos é fundamental o conhecimento básico de etologia e das necessidades destes animais para que suas atividades possam ser desenvolvidas de forma adequada, com ênfase no bem-estar animal.

5 REFERÊNCIAS

LESCHONSKI, C.; SERRA, C. M.; MENANDRO, C. Comportamento e biologia de equídeos. **Boletim Epidemiológico Paulista**. São Paulo, v.5, n.52, 2008.

LEWIS, L.D. **Nutrição Clínica Eqüina**: Alimentação e Cuidados. São Paulo: Ed. Roca. 2000.

MCGREEVY, P. **Equine Behavior**. Saunders: Londres, 2004

MILLS, D.; NANKERVIS, K. **Comportamento Eqüino**. Roca: São Paulo; 2005

REES, L. Hacia la comunicación. In: REES, Lucy. **La Lógica del Caballo**. Sevilla: Grupo Lettera, 2010. Capítulo 4, p. 59 – 70.

SALLES, A.A. Ética no relacionamento homem/animal. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, v.3, n.4, p. 181 - 195, 2008.